

COMENTÁRIO MENSAL

Janeiro 2026



Cenário Internacional:

O ano de 2026 iniciou-se com bastante expectativa sobre os juros americanos, eleições de meio de mandato, a política externa de Donald Trump e seus impactos sobre os fluxos internacionais de comércio.

A intervenção militar dos Estados Unidos na Venezuela em 3 de janeiro marcou um dos eventos geopolíticos mais significativos do mês (e dos últimos anos), com ataque em Caracas e captura do presidente Nicolás Maduro por forças americanas, seguido de ampla repercussão internacional e críticas por violação da soberania, além de movimentos subsequentes de normalização de relações comerciais e políticas pela administração americana.

O evento reforçou certa aversão do mercado aos ativos americanos, promovendo um incremento de movimentos internacionais de capital que beneficiaram bastante os países emergentes, em particular a América Latina.

Esse fluxo de capitais foi potencializado por novas discussões a respeito dos impactos da IA para a economia (produtividade e volume necessário de investimento), o mercado de trabalho e a dinâmica da economia, gerando volatilidade nos ativos americanos e o enfraquecimento do dólar.

Entre os dias 27 e 28 de janeiro, o comitê de política monetária do Fed se reuniu e decidiu manter os juros americanos na faixa de 3,50% a 3,75%, refletindo ainda a cautela diante da inflação. Em 30 de janeiro de 2026, o presidente Donald Trump anunciou a nomeação de Kevin Warsh como próximo presidente do Federal Reserve, indicação que precisa ser confirmada pelo Senado e que dominou a pauta do mês no cenário americano. Warsh, ex-governador do Fed (2006–2011) com forte experiência em política monetária e mercados financeiros, foi amplamente descrito na mídia como um nome técnico e experiente, cuja indicação é vista como potencial reforço das prioridades do governo em relação à taxa de juros e às expectativas de crescimento econômico.

O S&P 500 avançou 1,4% no mês, enquanto a Nasdaq subiu 1,2%. O dólar iniciou o ano dando sequência à desvalorização de 2025 e os juros apresentaram uma pequena abertura, refletindo a maior cautela do Fed.

Em janeiro, a Europa esteve no centro dos debates globais durante o Fórum Econômico Mundial em Davos, onde lideranças políticas e empresariais discutiram crescimento econômico moderado, segurança energética, transição tecnológica e aumento dos investimentos em defesa. O encontro ocorreu em meio a tensões geopolíticas renovadas, especialmente nas relações com os Estados Unidos, diante de divergências comerciais, possíveis medidas tarifárias e discussões sobre

o financiamento militar no âmbito da OTAN. Esse ambiente reforçou a percepção de uma Europa mais pressionada a fortalecer sua autonomia estratégica, ao mesmo tempo em que buscou preservar o diálogo econômico com Washington.

Na Ásia, Índia e Japão iniciaram o ano com dinâmicas distintas, porém relevantes. A Índia apresentou indicadores mais construtivos, com crescimento sustentado pelo consumo interno, investimentos em infraestrutura e fortalecimento do setor de serviços, consolidando-se como destino importante de capital produtivo. Já o Japão enfrentou severas tempestades de inverno, com fortes nevascas que impactaram infraestrutura e logística, ao mesmo tempo em que manteve estabilidade econômica e continuidade no processo gradual de normalização monetária.

Já a China apresentou sinais mistos de desempenho econômico. Indicadores de atividade industrial apontaram moderação no ritmo de crescimento, ainda influenciada por tensões comerciais e demanda externa irregular. Ao mesmo tempo, o país manteve força em setores estratégicos, como tecnologia, eletrificação e exportações de maior valor agregado, reforçando sua capacidade de adaptação em um ambiente global mais fragmentado.

Cenário Local:

No primeiro mês do ano, fortes movimentos de capital foram determinantes para os preços dos ativos, em particular da bolsa de valores.

A B3 encerrou janeiro com entrada recorde de investidores estrangeiros, na casa de R\$ 26,3 bilhões (superando todo o fluxo de 2025, quando acumulou R\$ 25,4 bilhões), refletindo o enorme impacto da movimentação internacional de capitais.

Como o Congresso estava de férias, as movimentações políticas giraram em torno de especulações eleitorais sobre nomes potenciais para os principais cargos em disputa em 2026, debates sobre a divisão da direita e ausência de opção na esquerda, bem como movimentações do centrão para garantir maior poder de negociação para apoios, sobretudo na eleição presidencial.

O Copom (Comitê de Política Monetária do Banco Central) se reuniu nos dias 27 e 28 e houve manutenção da Selic em 15% a.a. Já no comunicado, houve indicação de que deve ser iniciado movimento de flexibilização dos juros já na próxima reunião (marcada para março).

Outro evento relevante do mês gira ainda em torno da liquidação do Banco Master, uma vez que o FGC iniciou, em janeiro, o processo de pagamento dos investidores que estavam cobertos pela

instituição. Apesar do alto volume, o processo ocorreu de forma bastante ágil, sendo o maior impacto até o momento para a instituição.

Houve também a declaração de liquidação da Will Financeira, inicialmente deixada de fora da liquidação do Master, o que prevê-se leve a uma nova rodada de pedidos de cobertura por parte do FGC (estimativas na imprensa em R\$ 4,5 bilhões).

Ainda sobre o caso Master, as implicações políticas seguem fazendo notícia, com envolvimento de políticos de peso, divulgação de reunião com o presidente Lula e, sobretudo, uma série de implicações do banco com ministros e familiares de ministros do STF, o que pode escancarar mais um sério escândalo de corrupção em Brasília.

No campo econômico, a inflação segue dando sinais de enfraquecimento, mesmo com o mercado de trabalho ainda forte.

Do ponto de vista da atividade, as leituras recentes do IBC-Br já indicam desaceleração do ritmo de crescimento, após o desempenho forte de 2025. Nesse contexto, o agronegócio volta a assumir papel relevante na dinâmica do PIB ao longo de 2026.

O agro deve ter um ano menos produtivo em 2026, segundo estimativas da Secretaria de Abastecimento. Após um excelente ano em 2025 (com crescimento superior a 10%), o PIB do agro e a produtividade devem ficar estáveis nesta safra.

O Ibovespa encerrou o mês aos 181.364 pontos, registrando alta de 12,6% no mês, um dos melhores da série. Os juros apresentaram forte fechamento, ancorando o início dos cortes de juros e pressionado pela entrada de capital.

Na alocação, seguiremos atentos a oportunidades de prefixada, reforçando a disciplina na gestão de risco.

Estamos revisando as alocações em bolsa e buscando ajudar os clientes a gerenciar a exposição e excessos de otimismo pontuais.

Na alocação internacional, seguimos focado em bolsa americana e buscando proteções para a moeda.

Continuem contando com a Shore como o porto seguro de seus investimentos.

Disclaimer Shore Capital:

A Shore Capital Gestão de Recursos Ltda. está devidamente autorizada pela Comissão de Valores Mobiliários para o exercício da atividade de administração de carteiras de valores mobiliários e gestão de fundos de investimentos. As informações aqui disponibilizadas têm caráter meramente informativo, não se caracterizando como oferta ou solicitação de investimento, tampouco recomendação para compra ou venda de ativos, cujas características poderão ou não se adequar ao perfil do investidor.

A Shore Capital não se responsabiliza por decisões do investidor, nem por ato ou fato de profissionais especializados por ele consultados. O investidor deve se basear, exclusivamente, em sua opinião e na opinião de profissionais especializados por ele contratados, para opinar e decidir acerca de um investimento.

Este comentário mensal não se caracteriza nem deve ser entendido como uma promessa e/ou um compromisso da Shore Capital de realizar as operações ou estruturar os veículos de investimento aqui descritos.

Não há garantia de que quaisquer investimentos e/ou eventos futuros ocorrerão. Retorno passado não garante retorno futuro.

